

FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS: A MEDIAÇÃO COMO AÇÃO-REFLEXIVA

Raquel Casanova Dos Santos Wrege
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
raquel.wrege@hotmail.com

Ursula Rosa da Silva
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
ursularsilva@gmail.com

RESUMEN

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas/ Rio Grande do Sul, que através da experiência estética propõe gerar momentos de reflexão sobre a formação docente em Artes Visuais na contemporaneidade. O estudo objetiva analisar a prática mediativa em arte como sendo a base para o desenvolvimento da ação-reflexiva durante o processo formativo de futuros arte-educadores. Tendo como base a concepção do professor como “catador da cultura visual” de Hernández (2007), compreendendo a ressignificação do espaço e das imagens produzidas pelos estudantes quanto ao tema (formação inicial em Artes Visuais Licenciatura/ UFPel). Para abordar a experiência estética fundamenta-se em Merleau-Ponty (1990, 1992, 1999), a concepção de professor reflexivo de Schön (2000) e o conceito de mediação segundo Martins (2005, 2012). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e se dá por meio de pesquisa-ação. A pesquisa apresenta-se por meio de duas etapas: as oficinas de “Diálogo e proposições” e a Exposição “*Reflexus*”, ambas permitiram uma análise mais aprofundada da relevância deste tema para o Ensino da Arte em nível superior na contemporaneidade.

Palabras clave: Formação de arte-educadores; mediação artística; reflexão; experiência estética.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas na Linha de Pesquisa “Educação Estética e Ensino da Arte”, objetiva compreender a mediação, como potencializadora de trocas, durante o processo de formação inicial docente em Artes Visuais. Esta pesquisa parte do conceito de mediação abrangendo o processo reflexivo, que se dá através da experiência estética. Aborda-se a experiência estética a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty (1990), com sua concepção de corpo-próprio pelo qual se constitui a percepção sensível do sujeito. A percepção sensível é o modo como absorvermos o mundo ao nosso redor por meio dos sentidos e do pensar. Ao ativarmos nossa percepção podemos externalizá-la, considerando a expressão de cada indivíduo uma possibilidade de visualidade, através da expressão poética. Desse modo, juntamente ao processo perceptivo dos discentes estimula-se a ação mediativa para um melhor entendimento de sua formação individual como futuro arte-educador e coletiva tendo como amplitude o Curso. Tendo como fonte o sentido de mediador nos estudos de Martins (2005): “ (...) o papel do mediador é importante para (...) ampliar a leitura e compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. ” (MARTINS, 2005: 17). Por meio do fazer artístico, busca-se desenvolver o processo reflexivo dos estudantes para uma formação mais coerente em relação ao perfil profissional como arte-educadores. Assim como Schön (2000) propõe, trata-se da ação-reflexiva no sentido de que esses futuros docentes possam pensar sobre seu perfil profissional e desse modo, se percebam como agentes ativos na sua formação (ou, ação de formar). Nesse sentido, como, aborda Merleau-Ponty (1990) o desenvolvimento de uma “atitude frente ao mundo”. Para desenvolver esta atitude no grupo a pesquisa se efetivou em duas etapas complementares: as oficinas de “Diálogo e proposições” que foram sete encontros com os formandos de 2016 no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas e a Exposição “*Reflexus: A formação docente em Artes Visuais*” realizada em março de 2017 como resultado da produção artística dos discentes nas oficinas.

2. METODOLOGIA

O estudo parte de uma abordagem qualitativa através de pesquisa-ação tendo como público-alvo acadêmicos do Curso de Artes Visuais modalidade Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Os dados coletados envolvem a compreensão de um grupo e suas problemáticas formativas não objetivando a representatividade numérica. Para a realização do trabalho compreende-se as seguintes etapas: análise do grupo durante as observações no Estágio Docente do Mestrado, levantamento

do problema de pesquisa com diagnóstico prévio, planejamento das oficinas de mediação/ proposição artística, realização de uma exposição coletiva e análise de dados. Servem como base para essa discussão sobre o Ensino da Arte em nível superior, uma coletânea de dados obtidos por meio de registros fotográficos, diário de bordo, produção de material artístico, gravações de áudio e questionários/ entrevistas. Através desta análise busca-se compreender a relevância da prática reflexiva durante a formação de futuros arte-educadores.

3. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Hernández (2007) argumenta em seu livro “Catadores da Cultura Visual” sobre a importância de repensarmos as narrativas que formam as atividades educativas, tendo em vista uma educação que está em crise ele aborda que para haver a mudança devemos atentar em alguns pontos como: todas as concepções e práticas pedagógicas podem e devem ser questionadas; o ambiente de aprendizagem para se tornar “interessante” deve ser um espaço de questionamentos, desafios e confrontos; ao invés da homogeneização em que repetimos apenas uma resposta a educação deve prezar a pluralidade; e a relação docente/ discente deve ser recíproca, pois o educando passa a ser um participante ativo e o docente não é mais visto como o centro de todo conhecimento. (HERNÁNDEZ, 2007: 15-16). O projeto leva em conta estes aspectos para despertar a ação reflexiva nos estudantes, convidando-os para uma posição mais atenta frente a sua formação buscando proporcionar espaços de reflexão sobre o processo educativo que os constituiu. Ambas etapas da pesquisa surgem através do sentido de mediação como sendo a “ (...) disponibilidade para o encontro com o outro (...) para abrir brechas de acesso ao seu pensar/ sentir, levando-o a tecer diálogos internos que possam gerar ampliações, inquietações e novas relações.” (MARTINS, 2005: 16). A mediação como “troca, diálogo, encontro”, como aborda Martins (2005), permitiu durante a pesquisa o enriquecimento do processo reflexivo junto aos discentes. Nesse sentido que a abertura para o diálogo durante as etapas do projeto, se deu de forma mais coletiva e partiu de maior interação dos sujeitos que puderam estabelecer contato entre si de modo mais cooperativo através da sensibilização pela arte. Essa experiência de dialogar e estabelecer trocas, modificou a forma como eles concebiam sua graduação. Nos encontros eles eram os protagonistas das ações estabeleciam a mediação e se permitiram falar sobre seus medos, angústias e incertezas, isto possibilitou entender as ações deste projeto como uma experiência perceptiva: “Uma educação pensada a cada dia em conjunto com sujeitos em permanente transição rumo ao incerto e ao desconhecido e para os quais aprender de outras maneiras pode tornar-se uma experiência apaixonante.” (HERNÁNDEZ, 2007: 17).

No primeiro momento foram realizadas com os discentes do último semestre de Artes Visuais Licenciatura de 2016, as “Oficinas de Diálogo e proposições” ao todo com sete encontros para discutir sobre sua formação. Cada atividade foi elaborada para que os estudantes pudessem expressar suas percepções, para tanto, realizamos no princípio de cada encontro uma breve sessão de “*brainstorming*” sobre conceitos da área de arte-educação, levantamento de questões pertinentes sobre o tema para que houvesse rodas de conversa no grupo, práticas artísticas com a temática... Nesse sentido, a mediação não ficou restrita apenas a minha figura de pesquisadora no grupo. Mas o conceito se integrou nas ações geradas, de modo que os discentes atuaram como mediadores durante os diálogos ao: questionar posicionamentos dos colegas, expor novas perspectivas, proporcionar o diálogo entre o grupo e o diálogo interno, interligar ideias, confrontar ideias, entrecruzar percepções, estimular novas interpretações, alargar a percepção... Diferentes pontos de vistas entre os integrantes do grupo acabam enriquecendo o diálogo e pondo em questão outras perspectivas sobre o tema estudado.

Figura 1: Mediação com novelo de lã. Atividade 1.



Fonte: fotografia da autora, 23 de agosto de 2016.

Nesta atividade, após uma breve análise de seu histórico escolar cursado, os discentes iriam comentar em grupo sobre as seguintes questões: Quais as disciplinas cursadas que mais gostastes? Quais as disciplinas cursadas que não gostas? Ex-

1. O termo em inglês significa “tempestade cerebral”, é uma técnica de dinâmica de grupo para estimular a criatividade, como explica: “Em uma sessão de brainstorming, os participantes são incentivados a expressar todas as ideias que puderem pensar (...)”. (BUCHELE, 2017: 71)

plique os motivos. Para mediar estes diálogos, utilizamos a linha de lã como interligação entre pontos comuns dos participantes frente ao que se identificavam nas falas dos colegas. Lançada a pergunta, tendo um primeiro discente respondido a linha era repassada para outro integrante que possuía alguma relação comum a resposta anterior, no final ficamos envolvidos pelo emaranhado que esta trama se propôs. Com esta prática, nota-se que os discentes se sentiram mais dispostos para expressar suas percepções, conseguiram integrar nas falas os colegas, além de proporcionar uma experiência corporal diferente que é a ideia da trama como conexões. Durante este processo de “despertar” a ação mediativa foi capaz de ampliar as visões dos discentes para que estivessem através da experiência estética mais atentos, sensíveis, acolhedores dessas percepções distintas. Nesse aspecto é fundamental como ponto de partida a disponibilidade dos discentes para estabelecer essa experiência, ou mesmo, como denomina Merleau-Ponty o “estado de abertura” de cada um do grupo para perceber o mundo de modo mais ativo. Tendo essa abertura para efetivar a experiência, começaram a surgir uma diversidade de pensamentos durante as conversas que proporcionou a todos compreender o contexto da formação com maior clareza. Gerar esses momentos de contato possibilitou preparar os estudantes para a multiplicidade de significações que cada um atribuía para sua formação e os conceitos imbricados nela. Como argumenta Martins (2005) o processo mediativo permite essa maior interação de percepções: “A mediação (...) enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, acrescidos de outros trazidos por teóricos e estudiosos, que podemos apresentar, rompendo com preconceitos estereotipados, ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações. A socialização destes pontos de vista, são, portanto, imprescindíveis para a ampliação da compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador (monitor, professor ou teórico) a interpretação que poderia ser colocada como única e correta.” (MARTINS, 2005: 17).

Através do exercício de ouvir o outro e integrá-lo, podemos enriquecer nossa forma de experienciar o redor, portanto as atividades não tinham o objetivo de reduzir as visões em apenas uma interpretação. Assim trata Aguirre (2011) sendo a Arte como: “(...) algo que nos permite transmutarmo-nos em ‘outro’. Acho que esta ideia é muito interessante para qualquer educador que trabalhe com cultura visual, porque este âmbito da cultura humana está repleto de situações e artefatos capazes de gerar essa mudança de olhar com respeito à qual se pode propor o mundo como algo a se construir.” (AGUIRRE, 2011: 95). O diferencial do projeto foi justamente garantir espaço para que todos pudessem expressar suas inquietações. O diálogo, assim desenvolvido, permitiu vivenciar os meandros da formação através da arte, preparou o grupo para o exercício de percepção do redor e possibilitou reinventar a forma como viam alguns assuntos sobre o que experienciaram no decorrer do Curso.

Durante as conversas o grupo também reviveu suas memórias formativas nos mais diversos aspectos, tanto as relacionadas com a instituição como também as experiências de vida anteriores à graduação em Artes Visuais Licenciatura. Quando se compartilham as vivências é possível que os outros integrantes do grupo estabeleçam conexões com as suas próprias memórias e isto gera reflexões sobre o tema de modo mais ativo. Dentre os pontos de conversa surgiam: lembranças de aulas que lhes mudaram a forma de ver o mundo, situações problemáticas vividas em sala de aula com alguns professores ou colegas, dificuldades tidas em algumas disciplinas em específico, problemas quanto ao aspecto profissional ao se compreender como professor, medos quanto a ideia de professor como produtor de arte, confusões em relação a alguns termos específicos da arte-educação, deficiências que notaram no decorrer da formação no Curso... Assim apresentaram essas percepções internas que nunca haviam partilhado antes e puderam ter contato com outras indagações, o que gerou novas maneiras de se compreender como futuro arte-educador. Esta ativação só foi possível através do processo reflexivo e de mediação dos sujeitos proporcionado pela análise de sua formação. Hernández apresenta esse movimento de gerar experiências artísticas e reflexivas, através da expressão “cultura visual” como um novo rumo da arte-educação: “Uma consequência deste reposicionamento em relação a diferentes práticas educativas (...) nos leva a propor a necessidade de ajudar (...) aos educadores, a irem mais além da tradicional obsessão por ensinar a ver e a promover experiências artísticas. (...) nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes (...) terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio históricos.” (HERNÁNDEZ, 2007: 25).

Através da prática artística proporcionada pelo pensar reflexivo e geradora de novas reflexões, adquire-se o sentido para: as escolhas durante a graduação, para o Curso, para as aulas que se teve... ou seja, cada vivência tida no Curso passa a ter um sentido mais abrangente da formação desse sujeito e na forma como passará a perceber o seu redor. Como futuro profissional nota-se a necessidade de repensar as práticas educativas que teve contato na graduação, buscar aspectos que lhes instigaram mais na área de estudo, compreender seu perfil como educador, analisar as falhas e apontar possíveis melhoras. Trata-se de um movimento crítico e de um posicionamento mais atento para o que se vive. O pensamento crítico, como explica Schön (2000), permite “(...) reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conceber os problemas.” (SCHÖN, 2000: 33). Nesse sentido, não somos mais sujeitos passivos para os quais as coisas já são dadas e por si só aceitamos. A atitude filosófica da reflexão, que pode se iniciar pelo ato de pôr em dúvida é naturalmente desenvolver um estado mais atento para o mundo, ou como, aborda Merleau-Ponty o desenvolvimento de uma “atitude frente ao mundo”. Para provocar um estado de percepção mais ativo nos discentes o estudo teve por objetivo: desenvolver questões, fazer os discentes levantarem hipóteses, permitir que arrisquem sem medos nas respostas, que exponham suas dúvidas, que falem sobre as inseguranças, gerar uma atitude de pesquisador sobre ideias antes nunca exploradas... Estas ações caracterizam uma postura filosófica do sujeito para o que está ao seu redor, no sentido de se estimular um pensamento curioso para o que se vive. Em cada encontro levei para os discentes palavras que podiam instigar a pensarem sobre sua formação (arte, professor-artista, fruidor, artista) durante essa prática mediativa surgiam em suas falas: medo, angústias internas sobre esses papéis, inquietações sobre os conceitos... assim, observa-se no segundo dia de atividade com o “*brainstorming*” da palavra professor-artista:

Figura 2: Brainstorming com a palavra professor-artista. Atividade 2.



Fonte: fotografia da autora, 30 de agosto de 2016.

As percepções dos acadêmicos sobre “professor-artista” inundaram o painel com muitas inquietações próprias de seu percurso no decorrer do Curso. Muitos expuseram como sendo o “grande problema da minha vida”, ou seja, um conceito que para este sujeito significa muito em sua subjetividade e que se não houvesse momentos para que pudesse expressar sobre isso talvez isso futuramente reverberasse em sua prática enquanto docente de modo negativo, gerando frustrações enquanto profissional em arte-educação. Os discentes acabam se pondo frente à possibilidade de criação em arte, assim puderam compreender que mesmo sendo acadêmicos de uma licenciatura também são capazes de proporcionar a reflexão por meio do fazer artístico com suas próprias percepções sobre o tema. Aspecto que é salientado pelo discente D “(...) nunca pensei em um objeto artístico como resultado de questionamento sobre o que é ‘ser professor’ em Artes Visuais”. (Discente D, Questionário online gerado através do Google formulário, acessado em: <http://zip.net/bptLCW>, questão 3, 2017). Estas representações artísticas dos discentes sobre sua formação foram muito expressivas, durante suas falas eles mostravam percepções quanto às escolhas que tiveram no decurso de sua graduação e puderam traduzir isto através de meios artísticos variados como: escrita, poema, quadro, pintura, desenho, fotografia, audiovisual, escultura... todas estas imagens eram carregadas de significações para cada um destes indivíduos e ao ganhar a amplitude de maior público, tanto nas oficinas junto com os colegas quanto na exposição, ativaram novas formas de compreensão do grupo para tema da pesquisa: “(...) Imagens têm vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre os indivíduos. Este é o princípio que fundamenta e orienta a cultura visual. (...)” (MARTINS, 2008: 34).

As perguntas iniciais lançadas em cada atividade provocam para um olhar mais atento sobre si, seu perfil profissional, sobre o curso e sobre o Ensino da Arte de modo mais amplo. Assim nos fala Martins (2012) sobre a mediação como um “estar entre muitos”: “(...) ação de mediar (...) nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros, pois a vive com intensidade. Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo [con]tato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças.” (MARTINS, 2012: 62). Através do processo de inquietação que a dúvida gera, os discentes conseguem se expressar melhor. A experiência estética do fazer artístico e do contato com a expressão de outros possibilita o processo de transformação dos sujeitos. Por meio da arte se entra em contato com outras perspectivas nos levando a pensar sobre nossos próprios conceitos gerando afetações no indivíduo tanto durante a produção como em sua fruição. Os trabalhos produzidos pelos discentes refletem sua trajetória no Curso e proporcionam aos fruidores novas percepções: “(...) considero que as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. Estas formas de relação contribuem para dar sentido a sua maneira de sentir e de pensar, de olhar-se e de olhar, não a partir de uma posição determinista, mas em constante interação com os outros e com sua capacidade de agenciamento. Uma vez que as subjetividades são produzidas e transitam de maneiras reflexivas e corporificadas, a relevância das representações visuais adquire um papel fundamental.” (HERNÁNDEZ, 2007: 31).

Na segunda etapa do projeto, se deu a Exposição “*Reflexus: A formação docente em Artes Visuais*” realizada em março de 2017 como resultado da produção artística dos discentes realizadas nas oficinas. Ao total foram sete trabalhos individuais e um coletivo, de modo geral abarcaram a temática da formação docente em Artes Visuais, em diferentes materialidades (vídeo, áudio, instalação, livro de artista, pintura, proposição artística). Desse modo, o diálogo proposto com a exposição se estendeu a todos que circularam pelo espaço em contato com as obras. Discentes do Curso de Artes Visuais Bacharelado, puderam conhecer a visão dos graduandos de Licenciatura por meio do processo de criação artístico oportunizado com o projeto. Durante o período expositivo, atuei como mediadora, no sentido de disponibilizar o diálogo sobre o tema com aqueles que demonstravam

interesse nas obras. Ao mesmo tempo, em que me dispus no espaço para o registro das ações (por meio, de gravação de vídeo e áudios, fotografias, diário de bordo) atentava para os fruidores despertados pelos trabalhos.

Figura 3: Estudantes em circulação pelo saguão do Centro de Artes da UFPel em contato com as obras da exposição "Reflexus".



Fonte: fotografia da autora, 09 de março de 2017.

O espaço expositivo escolhido foi o corredor do segundo andar do Centro de Artes, local onde se localiza o Curso de Artes Visuais da UFPel nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado. Este ambiente possui uma grande circulação de acadêmicos e também do corpo docente do Curso, o que permitiu o contato mais abrangente de público para observar a exposição. Tanto aos que passavam apressados pelo lugar envolvido em suas atividades de aula, quanto para aqueles que paravam para espera ou intervalo de estudo, a exposição pode de alguma forma intervir em sua percepção quanto ao espaço e ao tema ali exposto no projeto. As imagens apresentadas carregavam o espaço de uma outra identidade. Já não se tratava do corredor de passagem e espera nos intervalos de aula, mas um local de socializar significações, ressignificar o espaço e as relações entre docentes e discentes. A expressão visual ali presente mudou a percepção dos sujeitos, abrangendo uma: "(...) diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. (...) orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intra-subjetivas de ver o mundo e a si mesmo. (HERNÁNDEZ, 2007: 22). Esse espaço alterado através da criação artística e por meio do processo expressivo levou a abertura de contatos com o outro: "Promover diferentes formas de organização espacial na sala de aula acolhendo os corpos para interagirem com outros corpos. Deslocando a "aula" para outros espaços, seja o pátio da escola, seja a praça ao lado, seja um museu. Provocando a conversação, a troca, o encontro de corpos perceptivos que vivifiquem os órgãos dos sentidos, para que haja uma relação cada vez mais aguda com o mundo. (...) corpos-pesquisadores, corpos-conhecedores, corpos-expressivos instaurando uma potência maior de vida nos processos educacionais." (MARTINS, 2012: 37-38).

Figura 4: Jeferson Silveira, Obra Anotações, Fotografia, 2017.



Fonte: fotografia da autora

Nestes momentos de mediação que realizei, os diálogos se estenderam aos professores e acadêmicos do Curso de bacharelado que se mostraram bastante surpresos com a proposta de trabalho dos colegas de licenciatura. Assim como, nesses momentos de trocas, os observadores das obras sentiram-se bastante à vontade para comentar aspectos de sua formação e até

mesmo se identificavam com alguns pontos abordados na exposição relacionados ao Ensino da Arte. Ou seja, a discussão que antes envolvia somente os quase formandos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, foi ganhando novos horizontes, novos olhares e ativando novos sujeitos. O foco central desta mediação, não era “transmitir” informações sobre o que se expôs, mas possibilitar outro momento de diálogo e estabelecer trocas sobre a temática da pesquisa com aqueles que interagiram. Nesse sentido as ações basearam-se em gerar estímulos perceptivos nos fruidores que transitavam pelo espaço do Centro de Artes, apresentar questionamentos em vez de afirmações e fazer surgir o repertório de vivências relacionados ao tema da exposição. Assim a figura de mediador no projeto ganhou sentido como um provocador da experiência responsável por despertar nos sujeitos fruidores sentidos críticos em relação ao que vivenciam em sua formação.

Durante as oficinas um dos focos das discussões foi o conceito de mediador, já que alguns discentes não se familiarizavam com esta figura por: desconhecimento, medo de mediar, inseguranças internas e até mesmo visões equivocadas. Em uma das atividades, entreguei aos discentes quatro recortes de papel em cada um escrito mediador, professor, artista e fruidor. Depois pedi para que organizassem visualmente esses papéis de acordo com a forma que os compreendiam tendo como referência seu processo formativo no Curso. Essa proposta, gerou em um dos integrantes um despertar para sua atuação de arte-educador permeada por esses papéis: “(...) a oficina (...) que se percebem as dificuldades, as frustrações e benefícios de ser um professor, pois quando nos reunimos trocamos experiências importantes, de estágio e outros lugares que algum colega trabalhou ou trabalha. Muitas coisas fui aprender nas oficinas, tais como: eu ser um artista, um mediador e fruidor, pois em minha concepção, eu era apenas um futuro professor, e foi através dos diálogos muito pertinentes e sinceros que fui me informado e esclarecendo que minha atividade me torna um artista também. Fiquei muito feliz em ter isso esclarecido, pois tinha aquele estereótipo de que artista é somente o que desenha bem. Mas ser artista vai além de desenhar bem ou não.” (Discente A, Questionário online gerado através do Google formulário, acessado em: <http://zip.net/bptLCW>, questão 3, 2017).

Na obra referenciada pela figura 4, o discente que antes tinha uma ideia de professor de artes um tanto escassa, passou a demonstrar outra compreensão não apenas de si, mas do significado da arte-educação na contemporaneidade. Destacar esses aspectos como possibilidade de integrar um perfil profissional, permitiu aos discentes uma percepção ampliada das capacidades que possuem e que podem se beneficiar como arte-educador para sua futura atuação. O mediador participa ativamente no processo de experiência estética, pois ele possibilita reflexões, questionamentos ou mesmo a própria situação de diálogo com o fruidor e a obra/ pensamento do artista/ reflexões sobre o mundo. Cabe ao mediador ter fluidez plena de sua própria experiência estética para poder despertar no outro este estado perceptivo mais aguçado. Como mediador não se está em busca de respostas únicas para si e nem para o outro que é mediado, se está sempre repensando interpretações e percepções acerca daquilo com que se pretende relacionar esteticamente. O mediador que provoca a experiência estética é o oposto da concepção de mediador como aquele que vai guiar o observador para uma leitura da obra. Como trata Martins (2012) a arte é uma área de conhecimento que trabalha com a dúvida: “Por certo, quando trabalhamos com uma pedagogia estética artística, aceitamos que existe um pensamento, uma reflexão sobre o mundo, sobre o homem, sobre as coisas, que não se dá no âmbito do conceito explicativo que vem da solução de problemas armados. Na arte, descobrimos outros domínios pelos quais somos convocados à invenção e levados a perceber o mundo e os seres do mundo (...). Se a arte não responde, pergunta; experiências com a arte são geradas de uma aprendizagem da interrogação pela sensação, emoção e pela razão reflexiva e sensível que nos leva a criar conceitos não explicativos, mas interrogativos sobre a vida.” (MARTINS, 2012: 128).

Por ser uma experiência através da arte, o sujeito que medeia este processo reflexivo deverá potencializar no outro a criação, gerar uma abertura para novas ideias, percepções e significados. Estimular esse diálogo das ideias que se despertaram nas oficinas para uma abrangência de público maior, foi uma forma de instigar a reflexão em todos aqueles que puderam ter contato com os trabalhos dos discentes. É neste espaço de trocas que se pode despertar para novas formas de compreender o processo formativo tanto individualmente (eu e minha formação no curso) como em sentido coletivo (o Curso de Artes Visuais e o Ensino Superior de Arte-educação).

Tanto as oficinas quanto a própria exposição, por se tratar ambas como experiência estética, geraram uma transformação durante o que seria tido como uma rotina normal da graduação. Com este projeto os discentes e até mesmo docentes, foram convidados a parar para reflexão, a desacelerar para ativar a percepção ao que antes era passado em branco. Como expõe Hernández quanto a compreensão de cultura visual que “coloca, no centro do debate político e da educação, a questão de ‘quem é o que vê’. (...) a ‘subjetividade’ na centralidade do projeto da cultura visual. Desta maneira se torna tão relevante a indagação sobre ‘quem vê’ (...)”. (HERNÁNDEZ, 2007: 18). Estas propostas feitas aos discentes para que saiam da ação automatizada de formação e possam refletir sobre ela, sobre si, sobre o Curso... é uma experiência de desenvolvimento de uma percepção mais ativa.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através da análise dos depoimentos dos participantes do projeto observa-se que o objetivo principal da pesquisa, de gerar a reflexão através da experiência estética, foi alcançado com êxito através destas ações mediativas. Dentre os pontos que os discentes comentaram, quanto sua participação nas atividades, eles destacaram ter sido relevantes: a oportunidade dada de se expressar por meio do fazer artístico apresentando sua perspectiva de futuros docentes, o contato com diferentes pontos de vistas sobre o tema, as trocas de experiências, o desenvolvimento perceptivo da sua formação durante o Curso e maior compreensão de papéis que o arte-educador pode exercer. Por meio da mediação foi possível desenvolver o pensar reflexivo e gerar novas reflexões que enriqueceram esta pesquisa. Através da troca, do diálogo e dos encontros foi possível a o grupo construir novos significados e sentidos para as vivências obtidas durante a sua graduação. Trata-se de um movimento crítico e de um posicionamento mais atento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, Imanol. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora UFSM. 2011. 230p.
- BUCHELE, G. T.; TEZA, P.; SOUZA, J. A. *Métodos, técnicas e ferramentas para inovação: o uso do brainstorming no processo de design contribuindo para a inovação*. Revista Pensamento & Realidade, São Paulo, ano: XX, v. 32, n. 1, p. 61-81, 2017.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007. 128 p. v.7.
- MARTINS, Raimundo. *Das belas artes à Cultura Visual: enfoques e deslocamentos*. In: MARTINS, Raimundo (Org) *Visualidade e Educação*. Goiânia, FUNAPE, 2008.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.
- (org). *Mediação: provocações estéticas*, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*. Campinas: Papirus Editora, 1990.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.256.

CURRÍCULOS

Raquel Casanova dos Santos Wrege

Graduada em Artes Visuais Licenciatura (UFPel/2015). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas na linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética.

Ursula Rosa da Silva

Doutora em Educação (UFPel/2009); Doutora em História (PUC-RS/2002). É líder do NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio) junto ao CNPq, e é diretora do Centro de Artes da UFPel desde 2013.